

As tecnologias digitais na formação em Radiojornalismo:

uma questão a ser debatida no
âmbito da convergência das mídias

Lourival da Cruz Galvão Júnior*

Resumo

Neste ensaio, busca-se questionar, partindo de referenciais bibliográficos, a formação em Radiojornalismo no contexto das tecnologias digitais e da convergência midiática. Compreende-se que a atual migração do patamar analógico para o digital vivenciado pelo rádio gera a urgência de um novo pensar sobre o jornalismo praticado nesta mídia. Conclui-se que esse novo fazer jornalístico do rádio não deve, porém, deixar de observar as características dos veículos e a preocupação com os ouvintes, que, dado o novo contexto tecnológico, tiveram ampliadas suas potencialidades participativas.

Palavras-chave: *Tecnologias digitais. Formação acadêmica. Radiojornalismo. Comunicação/Educação.*

* Doutorando do Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (ECA/USP). Pesquisador do grupo de Pesquisa Cibernética Pedagógica – Laboratório de Linguagens Digitais (CNPq), do CCA/ECA/USP, e do Núcleo de Pesquisa e Estudos em Comunicação (NUPEC), do Departamento de Comunicação Social da Universidade de Taubaté (UNITAU). Mestre em Linguística Aplicada pela UNITAU em 2001, onde atua como docente desde 1996. Graduado em Jornalismo pela mesma Instituição, em 1994.

O rádio, tradicional meio de comunicação, que a exemplo das demais mídias se beneficia da revolução proporcionada pelas tecnologias digitais, tem buscado se adaptar às novas rotinas de produção e de transmissão de conteúdos sonoros. É nesse cenário que acontece a convergência de conteúdos, de formas e de linguagens influenciadas pela interatividade e por representações estéticas que se tornaram onipresentes e, por que não acreditar, indispensáveis às telas de computadores, *tablets* e celulares.

O som advindo dos alto-falantes radiofônicos, que na primeira metade do século passado monopolizou o interesse da coletividade – como ocorre hoje com as tecnologias digitais – tem ocupado um espaço menor, quase coadjuvante. Nada de novo, uma vez que um fenômeno semelhante fora visto antes nas décadas de 1960 e 1970, quando a televisão se tornou o centro midiático das atenções. Contudo, desta vez, o domínio dos meios não permanece mais circunscrito às empresas de comunicação e suas condutas de produção organizacional. Hoje, qualquer criança ou adulto que tem acesso aos aparatos tecnológicos digitais e à mínima capacidade cognitiva para manipulá-los consegue produzir e divulgar, pela internet, as mais diversas mensagens audiovisuais.

Assim como na sociedade, a valorização das novidades tecnológicas é também prevalente nas escolas de Jornalismo. Nas salas de aula e nos laboratórios, o texto que dá forma ao corpo noticioso disputa lugar com a criação, a manipulação e a transmissão, por meio de *softwares*, de imagens digitais. Nos meios impressos, o texto, que antes era essencial, parece ter se tornado complementar. A foto, a ilustração, a diagramação, ou qualquer outro elemento imagético, recebem tratamento especial e tornaram-se próximos do indispensável à notícia, que aparenta correr o risco de tornar-se menos relevante ou interessante aos agentes receptores se for composta prioritariamente por signos escritos. Neste ensaio, questiona-se a inserção, nessa ambiência histórica, da formação em Radiojornalismo, disciplina universitária que visa capacitar estudantes a coletar, produzir e difundir conteúdos noticiosos pelo rádio.

Compreende-se que as tecnologias digitais têm levado o jornalismo radiofônico a se deparar com uma realidade que se distancia dos formatos e dos conceitos que, há décadas, atendem às emissoras analógicas hertzianas¹. A convergência com os outros meios ainda amplia a disseminação dos conteúdos radiofônicos, permitindo maior abrangência na difusão e melhor acessibilidade aos conteúdos sonoros. Se no passado o rádio foi privilegiado pela audiência analógica, tornando-se presente nos lares, nos locais de trabalho e de lazer, dentre outros, o atual momento

1 Adota-se este termo em referência a Heinrich Hertz (1857-1894), que “construiu um aparelho com o qual confirmou a existência das ondas eletromagnéticas” (COSTELLA, 1994, p. 149). Pelas ondas hertzianas foi possível transmitir, inicialmente, o código Morse e, posteriormente, o som.

propicia ao veículo condições antes inimagináveis. “É a vez de a internet ocupar o lugar central nos palcos de discussão, como meio para diferentes manipulações radiofônicas: suporte para as transmissões normais; emissoras virtuais, que existem somente na internet, rádio *on demand*”. (ORTRIWANO, 1998, p. 28)

Acredita-se que o conteúdo sonoro disponibilizado por meio analógico ou digital continuará, contudo, agindo da mesma maneira. Quando absorvido pelo cérebro, o som emitido gera condições de alta ou de baixa estimulação. O estímulo será considerado baixo na audiência se os conteúdos não forem mobilizadores, ou seja, o som terá apenas o intuito de possibilitar momentos de lazer e de descontração. Entretanto, o estímulo será alto quando aquilo que é transmitido torna-se mobilizante, ou seja, busca prender a atenção do ouvinte (ORTRIWANO, 1985, p. 29).

O Radiojornalismo, compreendido como difusor de conteúdos sonoros de alta mobilização, necessita da retenção da atenção dos ouvintes no ato da locução. É nesse contexto que se estabelecem as formas de produção textual que devem levar em conta a diversidade de públicos a serem atingidos pelas mensagens emitidas por intermédio do rádio. Um dos aspectos a observar nesse processo é a condição de absorção dos conteúdos que é diferenciada para os ouvintes, que, muitas vezes, têm a atenção dividida entre o texto oral e outra atividade concorrente. (ORTRIWANO, 1985, p. 82)

Dessa forma, é possível compreender que, por dispor apenas do som como único elemento concreto, o ouvinte submete-se a um risco maior de, no momento da captação dos conteúdos transmitidos pelo rádio, não absorver aquilo que é dito de maneira eficaz. A condicionante espaço/tempo também é diferenciada para leitores e ouvintes e pode gerar prejuízo à significação da mensagem. É válido evidenciar que a redação radiofônica ganhou, no decorrer de sua evolução, especificidades que buscam promover a coesão, a coerência e a objetividade textual com o propósito de minimizar prejuízos à compreensão dos conteúdos. Entretanto, deve-se ressaltar a necessidade de adequação às formas de transmissão e captação digitais cada vez mais diferenciadas e distantes da antiga audiência feita a partir de um rádio analógico.

Presentes na interface Comunicação/Educação, as tecnologias digitais tornaram-se evidentes com o advento da internet. O rádio, assim como os demais veículos, busca a complementaridade com a rede mundial de computadores, usada inicialmente como plataforma complementar para disponibilização, seja em totalidade, seja em parte, de conteúdos sonoros que antes eram transmitidos de forma analógica somente pelas ondas eletromagnéticas.

No Brasil, há por parte de um expressivo número de emissoras ampla e diversificada procura pela complementaridade com a Web, tanto que é comum encontrar estações que divulgam durante as programações sonoras a posse de uma homepage² na internet. Todavia, nota-se o uso diversificado das potencialidades dessa ferramenta digital em razão das questões relacionadas à usabilidade, que desempenha papel essencial na internet ao estabelecer, com base em um conjunto de características, determinado grau de interação entre o usuário e o conteúdo disponível. Entende-se aqui que a usabilidade não se condiciona apenas ao conhecimento da configuração da arquitetura de um site, mas a compreensão de que esse ambiente virtual detém um número de dispositivos mínimo que permite uma interação efetiva. (FERRARI, 2004, p. 60-63)

No caso das homepages, a usabilidade precisa permitir ao usuário completar as tarefas solicitadas de maneira funcional. A usabilidade torna-se, nesse sentido, um campo de interação que serve de ponte entre computadores e os indivíduos. Prata (2009, p 38-39) considera que essas páginas assumem a função de “porta que recebe o internauta”, sendo compostas por uma diversidade de elementos cujo intuito é estabelecer processos interativos com o público.

Castells (2003, p. 129-162) salienta que a internet configura-se como um canal de comunicação horizontal de custo acessível e de acesso não controlado, tanto de um para um quanto de um para muitos. É possível entender que o meio virtual detém um potencial extraordinário para fins de expressão dos direitos dos cidadãos e da comunicação dos valores humanos, capacidade que insere os indivíduos em uma “ágora pública”, onde é permitido expressar inquietações e opiniões e partilhar conhecimento.

Considera-se que a audiência de rádio está florescendo na internet, tanto de estações de transmissão aberta quanto de transmissões radiofônicas feitas pela internet. Isso tem, notadamente, ampliado os limites das transmissões de conteúdos radiofônicos antes limitados pela difusão analógica das ondas hertzianas. Há, assim, o entendimento de que, com a internet, o ouvinte que também é internauta pode contornar a cultura global para atingir sua identidade local. Por esse meio é facultado a determinado indivíduo a possibilidade de acesso adicional (em áudio, vídeo ou texto) a acontecimentos de sua localidade natal mesmo estando do outro lado do mundo.

Outra situação de complementaridade entre rádio e internet é a preocupação com a emissão digital de áudio (Digital Audio Broadcasting – DAB). Esse sistema oferece uma recepção de alta qualidade, livre das

2 Entende-se esse dispositivo como “a página principal de um site da Web. As homepages contêm geralmente links e locais adicionais dentro de um site ou de sites externos. Dependendo do tamanho do site da Web podem existir várias homepages dentro do mesmo site”. (PINHO, 2003, p. 242)

interferências comuns às rádios analógicas. Há, também, a facilitação no manuseio dos aparelhos receptores, que ainda ganham um leque de ferramentas digitais complementares ao conteúdo sonoro. Percebe-se que emerge desse suporte uma nova tecnologia intelectual derivada da potencialização digital dos meios de comunicação eletrônicos, como o rádio e a televisão (MEDITSCH; RIBEIRO, 2007, p. 144). Nota-se que a citada tecnologia remete aos estudos de Marshall McLuhan na década de 1960, que chamavam a atenção para o fato de as mediações exercidas pelas tecnologias passarem despercebidas, dada preocupação exclusiva com o conteúdo.

Enfatiza-se, nesse contexto, o conceito popularizado de McLuhan (2002) no qual “o meio é a mensagem”, o que evidenciaria, no atual momento, a limitação na busca pelos conteúdos somente nos espaços midiáticos a eles destinados. “Os meios não são a mensagem, que se localiza numa realidade histórica mais complexa, de que fazem parte. Mas os meios interferem nesta realidade, e condicionam especialmente as mensagens produzidas e veiculadas por eles” (MEDITSCH, 2007, p. 44). Compreende-se que a ocasião da tecnologia intelectual somente atingiria sua plenitude no Brasil em decorrência de uma futura difusão universalizada dos conteúdos pelo formato digital, condição ainda limitada pelo modelo analógico vigente.

É factível deduzir que tal circunstância é, dentre outras, responsável pela tendência de as rádios brasileiras optarem momentaneamente e com mais intensidade pelo desenvolvimento na internet de homepages, enquanto ainda aguardam uma definição governamental brasileira de um padrão de transmissão digital de áudio.

Detecta-se, no cenário brasileiro, outro fenômeno relacionado à busca pela complementaridade entre rádio e internet: o surgimento de plataformas digitais concorrentes denominadas “Webrádios”, emissoras que, ao optarem pela operação na internet, viram-se libertas da condição de dependentes das concessões governamentais necessárias para atuação no atual campo analógico ou de uma definição ainda pouco precisa de quando e como vigorará, no país, o sistema de transmissão radiofônico digital. Evidencia-se, assim, uma “transição entre o modelo hertziano e o digital via web: o modo hertziano com presença na internet”. (PRACTA, 2009, p 58-59)

É válido frisar que as Webrádios diferem das emissoras convencionais pelo fato de as primeiras serem acessadas apenas por intermédio de uma Uniform Resource Locator(URL), “um endereço na internet, não mais por uma frequência sintonizada no dial de um aparelho receptor

de ondas hertzianas”. O citado endereço encontra-se em uma homepage distinta, que no caso da Webradio serve como alicerce principal dos conteúdos sonoros. Já a rádio hertziana não depende dessa circunstância, uma vez que se apoia apenas na transmissão e recepção analógica das ondas eletromagnéticas. Nesse tipo de condição, o som deve ter sentido próprio, sem ter necessidade de apoiar-se em textos ou imagens como elementos complementares, conforme sugere as Webrádios.

No tocante às homepages é oportuno lembrar que as páginas abrigam elementos virtuais que atuam de forma acessória, como fotos, textos escritos, animações gráficas e vídeos. Vale ressaltar, contudo, que esses recursos devem assumir papel complementar na transmissão da mensagem sonora. Nas homepages o ouvinte/internauta busca os sons de sua emissora de rádio e tem, ainda, a oportunidade de conferir dados adicionais e variados, como sobre o programa transmitido e o assunto veiculado.

O rádio, apontado por Orozco (2010, p. 10) como “protagonista da memória individual e coletiva”, tende a fortalecer no cenário atual e futuro da convergência e das tecnologias digitais os “referentes coletivos” que se formaram em torno dele durante seu desenvolvimento histórico. Isso impõe, por consequência do novo cenário digital exposto, uma mudança na forma tradicional de elaboração e transmissão de conteúdos pelo rádio, dado o surgimento de uma dinâmica de possibilidades inéditas para o intercâmbio informativo e a produção de conhecimento. Considera-se como relevante essa observação para a formação em Radiojornalismo que não deve limitar-se à exposição e experimentação de práticas que atendam somente às necessidades dos mercados.

A equalização dos rumos vividos pela tecnologia e pela sociedade perpassa não apenas pelo avanço científico e tecnológico, mas também por progressos no âmbito existencial e ético. Chama-se a atenção fato de as tecnologias do presente apresentarem a tendência de caminhar nas trilhas percorridas pelas tecnologias do passado, que foram usadas “como meios que permitiram acesso ao conhecimento, desde que uma gama de determinações herméticas e excludentes, reguladas por normatizações e diretrizes preestabelecidas, fosse plenamente atendida” (CURY et al., 2012, p. 45-46). Ainda é relevante considerar que o novo perfil dos estudantes difere-se diametralmente daquele compreendido no passado. Inseridos no contexto da virtualidade, das tecnologias e da convergência, os alunos que frequentam as escolas e universidades fazem parte de uma geração que aprendeu a escrever à mão, mas opta pelo aparato tecnológico que permite fazer a mesma tarefa de maneira diferenciada e rápida.

No âmbito da Universidade, entende-se que o conhecimento vem da pesquisa e da interpelação do objeto.

Contudo, no atual contexto, observa-se que a relação todos-para-todos se estabelece de forma ampla com o meio digital, fato que indica necessidade da superação dicotômica do saber puro aplicado, já que o próprio saber é mediado pela tecnologia. Dessa forma compreende-se que não é concebível distinguir, de um lado, o tecnológico e, de outro, o teórico, o científico ou o racional.

Há que se tentar definir novas responsabilidades face à sujeição total da Universidade às tecnologias de informatização. Não se trata, evidentemente de recusar tais tecnologias, mas de redefinir essa nova responsabilidade, assim como a reestruturação de uma comunidade de pensamento, para a qual a fronteira entre pesquisa fundamental e pesquisa finalizada não estivesse mais assegurada, pelo menos, não nas mesmas condições em que se encontra ou, se encontrava antes. Uma comunidade de pensamento, no sentido mais amplo possível, não somente de pesquisa, de ciência ou de filosofia. (CURY, 2001, p. 3)

Deduz-se que a formação em Radiojornalismo insere-se nessa nova ambiência educacional que agrega elementos contributivos diversos objetivando uma readequação informacional. Este fenômeno convergente é propiciado principalmente pelo aparato tecnológico presente no cotidiano dos atores envolvidos no processo de prospecção, elaboração e difusão noticiosa no rádio – fontes, jornalistas, ouvintes. Esses indivíduos representam, hoje, papéis diferenciados daqueles vivenciados pelo rádio no passado.

Nota-se que não é mais cabível entender o rádio como um meio controlado por agentes transmissores distantes e inacessíveis que permitem somente aos agentes receptores ouvirem e pensarem. É preciso relevar a interação da audiência, condição ampliada pelas tecnologias digitais e pela convergência midiática. No Radiojornalismo, o entendimento dessa nova realidade serve de elemento transformador de paradigmas estabelecidos em formas, em conteúdos e em linguagens que ainda pertencem a um rádio analógico em vias de transformação.

O Radiojornalismo mantém-se presente e atuante na sociedade, encarando a concorrência das tecnologias comunicacionais que surgem diariamente e inserindo-se nesse novo universo digital por intermédio de plataformas virtuais que criam novidades ainda pouco exploradas. A formação de profissionais que atuarão nesse segmento deve ater-se ao novo cenário midiático sem, contudo, descaracterizar o rádio.

É compreensível entender que os avanços tecnológicos digitais têm gerado significativos ganhos à produção radiojornalística, inicialmente com a informatização do processo produtivo mediante a transposição da redação mecânica para a digitalização dos textos, depois com o uso da internet como base de pesquisa e de convergência midiática e, mais tarde, com a informatização do produto que saiu do suporte físico das fitas magnéticas para ocupar o espaço virtual dos arquivos em MP3³.

É notório observar, também, que a formação em Radiojornalismo beneficia-se da nova realidade ao dispor de aparatos digitais voltados para as ações de cunho pedagógico. Muitos laboratórios de informática contam, por exemplo, com computadores dotados de softwares de edição digital de áudio, enquanto os laboratórios de rádio trocaram os gravadores de rolo e as cartuchas por equipamentos digitais atualizados.

No âmbito das tecnologias digitais, o Radiojornalismo pode usufruir plenamente de todas as características desse meio visando ampliar as fronteiras da universalidade, da periodicidade, da atualidade e da difusão dos conteúdos sonoros. Contudo, merece observância o alerta sobre o interesse do mercado em buscar profissionais qualificados para atuar no meio radiofônico. “Os repórteres, via de regra, precisam estar preparados para trabalhar com todo e qualquer tipo de assunto, em prejuízo da qualidade da informação a ser apresentada ao público”. (ORTRIWANO, 1985, p. 99)

Apesar da nova e promissora condição, nota-se que a formação de jornalistas para atuar no rádio sofre, dentre outros entraves, com a falta de interesse dos alunos, que tendem a dar preferência aos meios impressos e às novidades tecnológicas vigentes. “Algumas de nossas melhores escolas de jornalismo consideram o rádio como um mero acessório, quase um enfeite, merecedor de uma mísera disciplina perdida no currículo e não levada muito a sério”. (MEDITSCH, 2001, p. 2)

Lopez (2011, p. 126), ao tratar de linguagens sonoras para o Radiojornalismo contemporâneo, chama a atenção para a consolidação de um rádio hipermidiático em um cenário marcado pelo jornalismo multimidiático. Segundo ela, há multiplicidade de estratégias narrativas do rádio hipermidiático, que conjuga a construção de conteúdo sonoro com a produção em linguagem multimídia. Julga-se que a compreensão dessa conjuntura é essencial para a formação em Radiojornalismo.

O jornalismo e o jornalista em rádio precisam rever seu papel, sua estrutura narrativa e sua perspectiva perante o público e a informação. O rádio multimídia e multiplataforma demanda do

3 MP3 ou Mpeg Audio Layer 3 é um formato de áudio que comprime o conteúdo em arquivos digitais pequenos, sem perda de qualidade. (PINHO, 2003, p. 252)

jornalista uma nova postura perante a notícia, e a adoção de ferramentas e técnicas de apuração variadas. (LOPEZ, 2011, p. 126)

Pensar o jornalismo de maneira diferente, seja no rádio, seja em outros meios de comunicação, é um desafio suscitado pelo atual ambiente de convergência e de uso das tecnologias digitais. Entretanto, acredita-se que a formação em Radiojornalismo se insere em um cenário educacional distante dessa realidade, sendo possível considerar que o ensino proposto por essa disciplina universitária vê-se diante a uma condição similar àquela apresentada por Kaplún (2010). O autor revela a experiência do educador Célestin Freinet que, em 1924, promoveu no sul da França mudanças no sistema educativo a que seus alunos estavam submetidos. As ações buscaram suprimir o ensino repressivo, mecânico e dissociado da vida cotidiana mediante soluções que levaram em conta as dificuldades estruturais e os problemas de saúde do educador, que durante a Primeira Guerra Mundial atuou como soldado e sofreu, no campo de batalha, ferimentos nos pulmões.

Mediante a compra de uma pequena impressora manual, simples e barata, o professor implantou um periódico escolar que era redigido pelos alunos. O conteúdo do informativo, porém, era apreendido, investigado e vivido pelos estudantes. Com o tempo, a impressora passou a ser o eixo central das aulas e mudou a dinâmica do processo de ensino-aprendizagem. A exigência pelo rigor, clareza e precisão das informações publicadas no periódico fez com que os alunos passassem, por iniciativa própria, a se reunir para discutir os artigos, fazer entrevistas, cálculos, ler e analisar as notícias veiculadas pela imprensa oficial da cidade. Rapidamente a experiência chegou às outras escolas da França, que solicitaram à Freinet seu assessoramento para desenvolver o mesmo método. Dessa forma, tem início o intercâmbio de periódicos escolares e um diálogo à distância. (KAPLÚN, 2010, p. 43-46)

É possível fazer uma analogia sobre a experiência pedagógica de Freinet com o problema enfrentado atualmente no ambiente escolar: superar o esquema da classe frontal, na qual o aluno se vê como um ser passivo e reduzido a um receptáculo de conhecimento – alusão metafórica de Kaplún ao modelo bancário de Paulo Freire (KAPLÚN, 2010, p. 49-50). As práticas de Freinet apontam para a “autoaprendizagem” e o “aprender a aprender”, ou seja, o aluno deve ser levado a buscar o conhecimento em seu ambiente e por intermédio de trocas de informação, estimulando a gestão autônoma dos seus conhecimentos. Essa condição não vê o professor como único eixo do processo

educativo, mas o coloca como orientador no processo educativo dos estudantes. Para que a autoaprendizagem ocorra, indica-se a necessidade em se adotar um sistema de estímulos e de motivação. Para que isso ocorra, a aprendizagem deve ser reposicionada visando tornar-se plural, integral e participativa. (KAPLÚN, 2010, p. 49-50)

Kaplún relata que o substancial não reside nas estratégias criadas para estimular a “autoaprendizagem” e o “aprender a aprender”, mas sim na função que esses planos devem cumprir: a de possibilitar aos alunos a abertura de canais que permitam socializar a aprendizagem, uma vez que esse processo dificilmente se dá sozinho: supõe-se que ele exige um intercâmbio e interlocutores (KAPLÚN, 2010, p. 51). O autor considera que conhecer é comunicar, mas salienta que é comum haver a dissociação dessas duas capacidades humanas: primeiro há o momento da aquisição do conhecimento e, posteriormente, quando existe oportunidade, ocorre o momento de comunicar aquilo que foi aprendido.

É legítimo acreditar que na maioria dos casos, salvo exceções, realmente apreende-se algo quando há o compromisso da transmissão. Porém, a interação entre apropriação de conhecimento e os processos de comunicação chamam a atenção de diversos educadores latino-americanos que chegaram à conclusão de que sem expressão não há educação. Aponta-se a formação do grupo como passo inicial à comunicação e à interação em sala de aula. Para Kaplún (2010, p. 52-55), uma educação grupal bem sucedida é aquela que aposta nesse conjunto e em sua capacidade de autogestão, sendo o grupo de aprendizagem escolar uma prática de cooperação e solidariedade.

Por fim, cabe aqui destacar duas premissas básicas que servem de eixos à proposta formulada por Kaplún à luz das experiências de Freinet. A primeira trata da apropriação do conhecimento, que é catalisada quando os estudantes são instituídos e potencializados como emissores, e não como receptores. A segunda entende que educar é envolver-se em um processo constituído por múltiplas interações, sendo que um sistema será tanto mais educativo quanto mais rica for a trama de fluxos comunicacionais colocados à disposição dos estudantes (KAPLÚN, 2010, p. 60-61). Considera-se, assim, a força da construção coletiva dos saberes, condição que permite crer na possibilidade de pensar no futuro hoje, visando desenvolver um estudo da formação em Radiojornalismo na era da convergência das mídias.

Digital technologies in training Radio journalism: a question to be discussed in the context of media convergence

Abstract

This essay seeks to question, from bibliographical references, Radio journalism training in the context of digital technologies and media convergence. It is understood that the current migration from analog to digital level experienced by radio generates a new urgency to think about the journalism practiced this media. We conclude that this new journalistic radio should not, however, fail to observe the characteristics of the vehicles and concern for listeners, which due to the new technological context had expanded their potential participation.

Keywords: Digital Technologies. Education. Radio journalism. Communication/ Education.

Referências

CASTELLS, Manuel. *A galáxia da internet: reflexões sobre a internet, os negócios e a sociedade*. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

COSTELLA, F. A. *Comunicação do grito ao satélite*. São Paulo: Mantiqueira, 1984.

CURY, Lucilene; et al. Revisitando Morin: os novos desafios para os educadores. In: *Revista Comunicação e Educação* (USP), São Paulo, v. 1, p. 39-47, 2012.

FERRARI, Poliana. *Jornalismo digital*. São Paulo: Contexto, 2004.

KAPLÚN, Mario. Una pedagogía de la comunicación. In: *Educomunicación. Más Allá Del 2.0*. Barcelona: Gedisa, 2010.

LOPEZ, Débora C. *Radiojornalismo hipermediático: um estudo sobre a narrativa multimidiática e a convergência tecnológica na Rádio France Info*. Disponível em: <www.casperlibero.edu.br/rep_arquivos/2011/06/20/1308597720.pdf>. Acesso em: 29 abr. 2013.

MCLUHAN, Marshall. *Os meios de comunicação como extensões do homem*. São Paulo: Cultrix, 2002.

MEDITSCH, Eduardo; RIBEIRO, Angelo A. O futuro no passado: o rádio e a TV digitais na contramão da Webgência. *Comunicação e Sociedade*, São Bernardo do Campo, vol. 29, n. 48, 2007.

MEDITSCH, Eduardo. O ensino do radiojornalismo em tempos de internet. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO. Comunicação ao Núcleo de Mídia Sonora, 24, Campo Grande, 2001. *Anais...*, Campo Grande: Intercom, Uniderp; UCDB; UFMS, 2001.

MEDITSCH, Eduardo. *Teorias do rádio*. Florianópolis: Insular, 2005.

OROZCO GOMEZ, Guilherme. De “ouvintes” a “falantes” da rádio, o desafio com os novos “radiouvintes”. In: PRETTO, N. L.; TOSTA, S. P. (Org.). *Do MEB à WEB: o rádio na educação*. Belo Horizonte: Autêntica, 2010.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. *A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos*. 2. ed. São Paulo: Summus, 1985.

ORTRIWANO, Gisela Swetlana. Interatividade entre rosas e espinhos. *Revista Novos Olhares*, São Paulo, n. 2, p. 13-30, 2. Sem. 1998.

PINHO, J. B.. *Jornalismo na internet: planejamento e produção da informação on line*. São Paulo: Summus, 2003.

PIZZOTTI, Ricardo. *Enciclopédia básica da mídia eletrônica*. São Paulo: Senac, 2003.

PRATA, Nair. *Webrádio: novos gêneros, novas formas de interação*. Florianópolis: Insular, 2009.

Enviado em 26 de setembro de 2013.

Aceito em 22 de outubro de 2013.

